

O trabalho, busca de sentido

Guy Bajoit

Abraham Franssen

Universidade Católica de Louvain

Tradução de Denice Barbara Catani

Publicado em: Les Jeunes dans la compétition et la mutation culturelle, Rapport de recherche au Fonds de la Recherche Fondamentale Collective, Univ. Catholique de Louvain. Cap.VIII: Le travail, quête de sens.

As expectativas e as atitudes com relação ao trabalho, ao emprego e ao desemprego são uma dimensão privilegiada para apreender a crise e a mutação das referências culturais entre os jovens. O modelo cultural da sociedade industrial se caracteriza pela centralidade da ética do trabalho. Além disso, o mercado de trabalho é o campo em que se exercem mais diretamente as coerções materiais e simbólicas da competição. Examinando os “modos de gestão de si”, pudemos constatar que para numerosos jovens, a experiência ou in experiência do mercado de trabalho constitui um momento decisivo da sua redefinição identitária. Aliás, caracterizado o modelo central de trabalho da sociedade industrial, a *ética do rendimento* que está no cerne desse modelo contém várias idéias:

> o trabalho deve contribuir para um projeto coletivo: deve ser socialmente útil para a coletividade (donde a ociosidade é sempre mais ou menos vergonhosa);

> a contribuição e a retribuição devem se equivaler: a tal contribuição deve corresponder uma “justa” retribuição;

> a retribuição é sempre postergada: há, inicialmente, o esforço, o sacrifício que é preciso fazer a fim de preparar-se para o trabalho e em seguida para executá-lo e então como uma consequência, a retribuição legítima;

> a contribuição é medida pelo esforço que é preciso dispendir a fim de se preparar para o trabalho e para realizá-lo;

> enfim, no modelo tradicional de trabalho, o trabalhador participa do mundo do trabalho por intermédio de instâncias coletivas: o sindicato, a classe de origem, a comunidade. Sua participação não é exclusivamente individual: ele não está só face ao seu empregador, faz parte de um grupo, mais ou menos estruturado, de trabalhadores.

Nossas interrogações remetem às formas de desagregação do modelo cultural do trabalho, e à emergência de novas orientações com relação ao trabalho. Examinamos também quais são as representações e as atitudes dos jovens com relação ao

desemprego. Mas, antes, vamos apresentar Hervé, cuja história ilustra esse conjunto de questões.

Hervé

Ele é oriundo de uma família numerosa. Seus pais, operários, lhe prometiam um futuro que realizaria seu projeto de promoção social, caracterizado por uma forte preocupação com o status.

Meus pais diziam, é uma boa, um belo ofício, de muito futuro. Olha o senhor e a senhora Fulano de Tal, que moram aqui nos fundos. Eles têm uma gráfica há não sei quantos anos, olha que belos carros eles têm, olha que bela oficina, olha isso, olha aquilo, e era assim o tempo todo...

Depois de duas reprovações no primário, Hervé começa a escola profissional técnica de tipografia, em seguida é orientado para a joalheria — o que lhe agrada muito, tanto mais que na época ele era “*meio hippie*”. Contudo, interrompe seus estudos aos dezoito anos para fazer o serviço militar. A interrupção dos estudos é motivada pela vontade de adquirir independência financeira, mas também, de maneira mais expressiva, de realizar seus sonhos de adolescência. Se ele se engajou no exército por dinheiro, escolheu a marinha para realizar um sonho: “*Eu só via realmente uma coisa, os barcos... eu via os barcos à vela partir pelos oceanos*”.

A experiência cotidiana nas forças armadas, a maior parte do tempo confinado a tarefas subalternas, destrói seu sonho. “*Não é isso que eu queria fazer, queria era viajar, mas não ficar a bordo de um pequeno barco com a missão de dragar, ao que parece, dragar minas no mar belga...*”¹. A dificuldade de concretizar suas expectativas de auto-realização explica a justificativa puramente instrumental que ele oferece para o prolongamento do seu contrato. “*Estava cheio, mas tudo bem, vou ficar*

dois anos, ganho a vida durante esse tempo e depois procurarei outra coisa”.

Em seguida a essa experiência, conheceu um período de desemprego de mais de um ano. Viveu essa experiência com um forte sentimento de degradação social e pessoal. O tempo do desemprego foi um tempo socialmente inútil: “*O dia de um desempregado leva cinco minutos*”. Insiste bastante sobre as limitações de dinheiro. Depois de pagar o que deve aos seus pais, restam-lhe talvez “*1000 francos por mês para sair um pouco do mofo onde se está metido*”; “*Quando você está desempregado, uma semana, é duro, você vê o tempo passar, você aprende a contar os minutos*”. “*A coisa do desempregado é terrível, é verdade que enquanto jovem você realmente carrega um rótulo*”; “*quando fui rebaixado para 8.500 francos, isso foi o mais difícil, entrei em pânico, noites inteiras eu não conseguia dormir...*”

Nessa época, a única fonte de ganhos ocasionais de que dispunha era a venda de bijoutherias de sua confecção, nos mercados. É para a prática da moto que Hervé reporta então seus sonhos de evasão e suas necessidades de relações sociais. A moto é um prazer solitário (“*é a única coisa que me faz sair de mim mesmo*”); ela é sua companhia, ele lhe fala e ela o compreende, mas ela é também um fator de sociabilidade importante, especialmente pelos clubes de motociclistas que ele frequenta.

Meu objetivo é a viagem, a comunicação... aliás, minha moto me permite viajar, conhecer gente nova, e me comunicar com outras pessoas.

Quando visto meu casaco de couro, ele é minha segunda pele, é quase uma carapaça como se diz. A gente é quase como as tartaruga nas estradas, mas tartarugas que se movem rápido. As pessoas têm medo de nós... não sei por que. Blusões negros, o couro negro.

“*Por interferência de amigos*”, ele obtém um contrato temporário de seis meses para um mutirão de desobstrução de sítios históricos. Dessa experiência ele guarda sobretudo a lembrança das más relações de trabalho. Diante do chefe que o provoca, Hervé reage referindo-se aos seus direitos: “*Se você continuar tentando me botar prá fora, eu cha-*

¹ Trata-se de minas militares submersas, abandonadas pelos alemães ao fim da II Guerra Mundial. (Nota de revisão.)

mo a inspeção do trabalho”. De maneira geral, Hervé se afirma resistente a toda autoridade, pelo menos quando exercida de uma forma arbitrária ou absurda. Como na canção de Renaud em que se escuta: “*ele tinha vontade de arrebentar o crânio do chefe que não sabia suportá-lo*”.

Segue-se um breve período de desemprego, um emprego interrompido três dias depois de ele haver sido contratado, por causa de um acidente de moto (que serve de pretexto para seu empregador não recontratá-lo) e um novo período de desemprego com duração de quinze meses com prestações do seguro-desemprego que vão sendo reduzidas progressivamente.

Caro senhor, sentimos muito, o senhor tem 25 anos, e apenas um ano de experiência, que podemos fazer pelo senhor? Não dá para contratá-lo, não é mesmo...?

Nos últimos meses de desemprego, não suportando mais o tédio e o vazio de seus dias, Hervé trabalhará voluntariamente um dia por semana numa associação cultural. Depois ele será contratado para um cargo de serviços gerais no quadro dos programas de reinserção para desempregados. Se seu emprego tem muito pouco de conteúdo próprio, ele valoriza muito, no entanto, o novo tipo de relações que experimenta (“*é jóia, você encontra pessoas*”) e o caráter expressivo das atividades que o constituem.

Não dá nem para dizer que é meu patrão, porque não é um cara como os meus patrões de antes. É outra coisa. É um cara muito legal, é muito agradável trabalhar com ele. Desde que estou aqui, eu me esforço muito, até um pouco demais, acredito, para que a gente faça alguma coisa que valha a pena. Bom, o que se chegou a fazer foi um mini-festival com os “hard-rockers” que foi muito bom.

Essa inserção profissional lhe dá ocasião de se abrir, de ter acesso a um novo universo cultural e relacional suscetível de lhe proporcionar novos pontos de referência: “*eu me sinto crescer com esse trabalho cultural, eu evoluo, acredito nisso, as pessoas*

que a gente encontra aqui têm outra mentalidade”. A comunicação, sobretudo, é um eixo central de suas orientações no trabalho. Além do ganho financeiro e da ocupação, o trabalho é antes de mais nada valorizado pelos contatos sociais que favorece, o conteúdo desses contatos sendo menos importante do que a própria comunicação. Embora encontre nessa cultura da comunicação e da convivialidade um substitutivo para a identidade profissional não realizada pelos canais tradicionais, Hervé não considera, entretanto, seu emprego como um verdadeiro trabalho, isto é, como aquele que lhe traria status e estabilidade.

Para ele, realizar-se é: “*eles têm uma casinha, filhos, um carrinho e... Bom, eles chegaram a um ponto onde eu gostaria de chegar. Eu não cheguei aí, mas isso vai acontecer um dia... de qualquer forma, eu poder ter o que quero.*”

Enquanto isso, num futuro previsível, seu horizonte inelutável é o desemprego e uma nova busca para encontrar um emprego.

Agora estou bem porque tenho um trabalho, mas dentro de três anos terei de recomeçar, e isso vai ser o quê, recomeçar? Vai ser, talvez, dois anos de desemprego ou dois meses, como podem ser dois dias.

A precariedade constitui seu universo de referência, desencadeando efeitos de ruptura, de fragmentação ou de desarticulação que impedem a formação de uma relação estável com o trabalho. No plano profissional, Hervé aspira de modo impreciso e flutuante a um trabalho, ao mesmo tempo cooperativo e independente (“*ser meu próprio patrão*”), que lhe assegure um status social condizente com suas expectativas iniciais e uma auto-realização através de uma atividade criativa.

Se eu tivesse podido ser joalheiro, aí eu teria uma loja... eu gostaria de ter feito dessa loja ou desse atelier, um atelier de criação, do gênero Van Cleef e Arpels. Teria sido Van... Hervé. Seria meu próprio patrão e faria uma associação cooperativa. Acho normal beneficiar outros operários como eu... que seria operário também, já que faço a criação... Nesse pequeno meio da criação, faria só um modelo de jóia por pessoa...

Eu acredito que as pessoas teriam mais vontade de vir comprar comigo do que com qualquer outro. Além disso, seria legal de fazer...”

As afirmações de Hervé são assim constantemente divididas entre uma aspiração à normalidade e à conformidade social (“*se eu conseguisse entrar na pequena burguesia*”) e uma busca de evasão e de encontros (“*Meu objetivo é a viagem e a comunicação*”). Aliás, se ele fosse joalheiro, compraria um barco.

Suas condições atuais de existência tornam hipotética a realização de seus projetos e Hervé tende a refugiar-se numa situação de moratória, entre sonhos malogrados e projetos indefinidos: “*No momento estou aqui, daqui a três anos, vamos ver*”. Essa situação de moratória é acentuada pela dependência financeira que o obriga, aos vinte e cinco anos, a continuar morando na casa dos pais. Ao todo, no momento da entrevista, fazia seis anos que Hervé havia saído da escola. Os dois anos no exército, os trinta meses de desemprego e os empregos precários que ele conheceu não lhe permitiram investir em tarefas de conteúdo importante.

Ele é o exemplo banal de um jovem cuja socialização de trabalho foi, desde o início, fragmentada e precária. Longe de constituir uma etapa inicial, a precariedade de sua inserção profissional é a constante em sua trajetória no mercado de trabalho. Essa fragmentação e essa heterogeneidade, impedindo a realização das expectativas ligadas ao projeto familiar inicial, são fontes de desestruturação profunda e de ameaças de anomia. O modelo de trabalho ao qual ele se refere é bastante impraticável. Para Hervé, face à sociedade fechada e desorganizada, os indivíduos ficam reduzidos à impotência existencial e vivem uma ameaça de desagregação psíquica. Ele evoca assim o horizonte negativo de uma desorientação pessoal, que ele teme.

No fim das contas, são os nervos que sofrem e eu não sei se é a maioria dos desempregados que são assim, e os jovens, porque muitos jovens... depois de um ano, um ano e meio de desemprego, a bebida começa a chegar... A bebida faz com que — bom, você

chega a um ponto sem volta. Se você não acha trabalho nos próximos seis meses, você embarca p’ro hospital, como alcoólatra ou então como... louco.

O trabalho na vida

Contra as apreciações lapidares (“*os jovens perderam o sentido do valor do trabalho*”) é preciso sublinhar que o trabalho continua sendo uma fonte importante de normatividade e uma experiência central de socialização. Trabalhar — quer dizer, exercer uma atividade produtiva com caráter social assegurando uma independência financeira — permanece, para todos os jovens que entrevistamos, uma expectativa básica, por vezes essencial, sempre importante. Entretanto, por trás da aparente homogeneidade das expectativas — um trabalho de que se gosta num ambiente positivo, que assegure ganho e reconhecimento social — as experiências vividas e as significações atribuídas ao trabalho são múltiplas. As palavras são as mesmas (trabalho-emprego-desemprego), mas as significações são diversas.

A crise do modelo tradicional do trabalho

O modelo tradicional de trabalho é ainda bem presente e desejável para muitos jovens, mesmo tendo-se tornado mais ou menos difícil de praticar.

Para Patrick, encarregado numa pequena empresa metalúrgica da região de Liège, como para Bernard, torneiro-fresador numa empresa metalúrgica próxima de Bertrix, o trabalho é ao mesmo tempo uma necessidade vital, uma obrigação social e um dever moral, cuja contrapartida é o status social que ele confere e a satisfação pessoal que proporciona. O trabalho tem uma dimensão instrumental (ganhar a vida) mas, apesar de seu caráter penoso, ele comporta também uma forte dimensão expressiva (realizar-se social e pessoalmente). Ao lado do salário, que é um critério importante que justifica as mudanças de empresa, trata-se “*gostar do trabalho*”, “*de se sentir bem*” e “*de estar num bom ambiente*”.

Uma grande parte do discurso é espontaneamente voltado para a descrição do processo de trabalho no qual estão engajados, com sua rotina e seus incidentes. Sua identidade orgulhosa está ligada ao conteúdo técnico do trabalho (trabalhar com uma máquina de tipo digital), à sua dificuldade, até mesmo à sua sujeira, e às competências mobilizadas. A valorização está igualmente ligada ao nível de responsabilidade exercida, à *“importância de seu papel”*. Patrick, como Bernard — que detalha longamente o funcionamento de sua máquina: *“uma máquina suíça de 39 que trabalha com micron”* — são reveladores de uma cultura do ofício, com seus códigos, seu ritmo, suas relações, e que ocupa um lugar central nas suas existências. As etapas e os mecanismos de sua entrada no mundo do trabalho, e de sua carreira operária são claramente balizados. É o tempo do trabalho que determina o ritmo de vida, distinguindo claramente tempo de trabalho e de lazer. (*“o domingo é sagrado”*). O tempo do trabalho vem primeiro, e o da recuperação é secundário. Nem um nem outro reclamam por efetuar horas suplementares em função das exigências da produção.

Se esse modelo tradicional é ainda bastante desejável, sua impraticabilidade relativa o leva a entrar em crise.² Hoje, para muitos jovens, como para Hervé, a experiência do desemprego e da instabilidade, o confinamento em tarefas pouco qualificadas, a consciência das exigências dos contratos e a ausência de perspectivas profissionais destruíram a maior parte de suas referências ao modelo tradicional do trabalho. Ameaçado e obrigado a

² Esse parágrafo apóia-se bastante numa pesquisa anterior levada a efeito sobre as orientações de trabalho dos jovens e apoiando-se na análise aprofundada de uma dúzia de entrevistas com jovens em situação precária no mercado de trabalho. É preciso observar que algumas das entrevistas evocadas aqui (Pierre, Solange, Laura, Hervé) foram realizadas em 1985 e 1986, num contexto fortemente marcado pela crise do emprego industrial. Ver Molitor, M. e A. de Ronge *Jeune et identité au travail*, rapport de recherche, departement de Sociologie UCL, 1987.

recuar, este aparece como uma referência longínqua. Além disso, o prolongamento da escolaridade obrigatória até os dezoito anos e o esgotamento das fontes tradicionais de empregos operários, tem contribuído para manter muitos jovens num espaço relativamente indeterminado, impedindo a socialização precoce no mundo do trabalho, tal como geralmente foi vivida por seus pais.

O “garantismo”

Ao fim de um longo período de desemprego sem estar registrado no organismo competente, Pierre, cujo pai é chofer caminhoneiro, está disposto a encarar qualquer trabalho: *A pessoa que vai bater ponto (no organismo de registro dos desempregados) acaba tomando gosto nisso, e o trabalho... ela está pouco ligando, se lixa, isso não é para mim”*; *“Se me dissessem para ser desentupidor de privadas, eu seria desentupidor de privadas... o que eu precisava era de uma entrada mensal de dinheiro.”*; *“Eu pedi para ser varredor de rua. Mas isso não deu porque era preciso ser bilíngüe”*. Pierre acabou sendo engajado no Governo belga: *“Eu tive de me fazer de criança nessa hora... eu tive quase que chorar para conseguir o lugar. É verdade que eu era casado, que meu filho havia acabado de nascer, eu tinha necessidade absoluta de dinheiro”*³.

Ao fim de seus estudos de auxiliar de enfermagem Solange experimentou um longo período de desemprego, que significou, para ela, o tédio, o desânimo, o sentimento de inutilidade, os dias em que se está só, sem nada para fazer: *“eu procurei muito, muito trabalho, respondi aos anúncios, escrevi... no começo procurei no meu ramo, mas depois, qual-*

³ Essa atitude de implorar emprego, na qual o registro afetivo (*“Tenho necessidade de um trabalho. Obrigado...”*) prevalece sobre a transação mercantil, pode ser igualmente encontrada, de quando em quando, na página *“jovens que procuram emprego”* do jornal *Le Soir*, no qual uma vez por semana uns trinta jovens dispõem de 12 centímetros quadrados para atrair a atenção de um empregador.

quer coisa, cheguei até a pedir numa usina de fabricação de plástico... como empregada doméstica... babá e tudo". Por fim, teve a sorte de encontrar um primeiro emprego, temporário, como auxiliar de enfermagem num lar para pessoas idosas, substituindo outra pessoa: "*Eu gosto de trabalhar, tenho medo de ficar desempregada de novo*".

Para esses jovens cuja experiência da precariedade origina-se freqüentemente numa socialização familiar que oferece recursos frágeis ou inadequados e é confirmada pelo veredito do sistema escolar, as dificuldades prolongadas de inserção no mercado de trabalho impedem a estabilização no modelo de trabalho ao qual aspiram e se traduz por uma desestruturação de suas referências identitárias. Contrariamente a Bernard ou a Patrick, há aqui a ausência de uma cultura do trabalho estável e constituída.

Nessas condições, as preocupações econômicas ("*um trabalho a qualquer preço*") ou de status ("*não estou contente de ter um emprego provisório remunerado pelo Estado*") prevalecem sobre as características próprias do trabalho. O percurso no mercado de trabalho é descrito mais em termos administrativos ("*fiz um estágio para desempregados...*"; "*naquele momento, estava fazendo um estágio de espera*"; "*obtive meu certificado 4*") mais do que em termos de ofícios, de conteúdos. As expectativas com relação ao trabalho são reduzidas à sua dimensão instrumental: uma fonte de ganhos, uma ocupação do tempo, um status social.

Nesse sentido, para esses jovens em situação precária, a dimensão expressiva do trabalho desaparece: o sentimento de participar de um processo de produção global, de ser útil, de se realizar pessoalmente. A organização do trabalho é então sentida como heterônoma. Ela tende a ser reduzida ao organograma que lhe assinala um lugar, na falta de um status real e de uma função. A ocupação não é percebida em termos de ofício, mas de tarefas a realizar ("*arrumo as prateleiras*") ou de uma definição institucional ("*Trabalho como estagiário*") ou ainda, permanece indefinida e marginal ("*sou pau mandado*").

Para esses jovens cuja inserção se efetua, fre-

qüentemente, através de empregos pouco qualificados no setor dos serviços ou no quadro de sub-status do setor não-mercantil, as relações de trabalho não são mais vividas como relações de produção, mas como estritamente hierárquicas e burocráticas (vazias de conteúdo) ou, inversamente, como relações interpessoais, ligadas às categorias do afetivo ("*simpáticos*", "*legais*"...); "*O GB é uma família*"; "*para mim, o GB é, como diria, um lugar público, a gente está entre amigos, a gente discute, se diverte, é isso mesmo.*" (Pierre)

A dimensão coletiva e conflitual das relações de trabalho desaparece aqui completamente, substituída seja por um sentimento de isolamento e de impotência, seja por uma identificação total à empresa: "*No GB, eles são boa gente...A prova: eu fui uma vez surpreendido fumando nos banheiros, o que é proibido pelo regulamento, fui chamado pelo gerente, discutimos e ele, vendo minhas possibilidades de trabalho, me disse: 'bom, vamos deixar passar'*". (Pierre)

A ausência de mediação pelo trabalho e, de maneira geral, a fragilidade de suas redes sociais, reforçam o sentimento de vulnerabilidade social com relação às diferentes instituições (Ofício para os desempregados, sindicatos, administrações) ao arbítrio das quais eles sentem-se particularmente expostos, na medida que elas constituem seu elo com o sistema social.

Pode-se, com Michel Molitor, falar da figura do "garantismo" para caracterizar a degradação das referências de trabalho que se observa entre os jovens confrontados com o fracasso relativo de seu projeto de integração. A cultura do trabalho, capaz de proporcionar uma identidade digna e positiva ao trabalho, torna-se uma referência distante, mas sempre desejada. A dimensão expressiva do trabalho como locus da realização de si é progressivamente abandonada em favor unicamente da lógica do emprego, o tema da retribuição prevalece sobre o da contribuição, as categorias administrativas ou afetivas substituem as categorias sociais e profissionais.

Pierre, Solange, Stéphane, Luc, Hervé, Didier e tantos outros agarram-se aos farrapos da norma-

lidade do trabalho, sem realmente questioná-la, nem dela distanciarem-se. Trata-se, por certo, de uma lógica de crise no sentido de que a impraticabilidade das normas adquiridas é vivida dolorosamente e dá lugar a diversas estratégias de compensação e de racionalização, sem alternativa positiva.

É a lógica do gato escaldado e da nostalgia que melhor caracterizam a atitude desses jovens no mercado de trabalho e, de maneira mais geral, face a uma sociedade da qual eles se sentem marginalizados e à qual se agarram. Experimentando a precariedade, eles se retraem sobre as referências de que dispõem, sem contar com recursos culturais e sociais que lhes permitiriam viver diferentemente sua situação.

O transitório

Ao mesmo tempo, por freqüentarem a diversos meios, por força da necessidade de uma aventura sempre recomeçada, a própria heterogeneidade de sua experiência propicia uma socialização inédita e a aquisição de novas referências e orientações com relação ao trabalho. No caso de Hervé, como no de muitos outros jovens, essa modificação das orientações com relação ao trabalho está ligada à experiência de empregos “alternativos” do setor não mercantil no quadro de sub-status (diversos mecanismos institucionais especialmente criados pelo governo para atendê-los...), onde eles têm a oportunidade de experimentar outros tipos de relações de trabalho.

De uma maneira mais global, podemos nos interrogar com relação aos efeitos, em termos de socialização, da experiência de trabalho, decorrentes de políticas de emprego destinadas aos jovens. Com relação à experiência de Hervé, é possível formular a hipótese de que esses empregos de substituição não permitem uma integração real no mundo do trabalho, mas induzem uma socialização que, com Michel Molitor, se poderia qualificar de “socialização do transitório”, fortemente marcada pela lógica da precariedade.

O exemplo de Hervé esclarece a lógica interna dos jovens que galeram no mercado de trabalho, que

se mantêm bem ou mal, provisoriamente, mas sem esperanças realistas de encontrar uma saída, nessa zona brumosa que separa as exigências do mercado de trabalho dos seus recursos e das suas aspirações. Por exemplo, nas conversas de Hervé ele evoca o grupo dos “irredutíveis” com o qual se vêem “confrontadas” as instituições de reinserção profissional que se habituaram a distinguir, no seu público, os jovens “aptos à formação para o trabalho” e os jovens que é preciso antes “ressocializar”. Esses jovens — maciçamente encontrados nas diferentes iniciativas públicas e privadas de formação através do trabalho (escolas de aprendizado, formação em alternância), onde se insiste em fazê-los adquirir uma qualificação de base (construção civil) — são também os mais conscientes das imposições do mercado de trabalho e sem ilusões sobre suas próprias possibilidades de exercer um trabalho interessante. Para aqueles que, decididamente, resistem à socialização pelo trabalho (e tanto mais na medida em que esta se efetua sob a forma de estágios mal remunerados no quadro de pequenas e médias empresas marcadas pelo autoritarismo das relações de trabalho), a “apatia” é apenas a distância que os salva.

Verifica-se, nesse caso, ao mesmo tempo, uma desestruturação das referências tradicionais de trabalho tornadas completamente impraticáveis e a manifestação de orientações novas, particularmente em torno da temática da comunicação e da auto-realização expressiva. Essas aspirações, na medida em que não podem se realizar no âmbito do mercado de trabalho, transformam-se em atitude de auto-preservação, entre desestruturação psíquica e o distanciamento lúcido. Às ofertas tradicionais de formação, ainda amplamente elaboradas com base nas normas do modelo tradicional de trabalho, esses jovens respondem freqüentemente com indiferença, manifestando em contrapartida mais interesse por atividades com forte dimensão expressiva (“teatro”).

Novas Aspirações ao Trabalho

Na ética tradicional, o trabalho é considerado como um dever moral e social. É através de sua parti-

cipação no processo de produção que o indivíduo pode pretender a uma auto-realização, tanto no plano da satisfação pessoal quanto do status social. Acabamos de ver que para um certo número de jovens, esta referência tornou-se longínqua e impraticável e que esta degradação é vivida sob a forma da crise. Ao mesmo tempo, paralelamente, a crise de praticabilidade e de legitimidade das normas tradicionais de trabalho dá também ocasião a uma mutação estrutural das orientações com relação ao trabalho.

O que muda não é tanto a importância do trabalho, mas sim a relação com ele. Enquanto no modelo tradicional a realização pessoal estava subordinada ao trabalho, hoje é o trabalho que tende a estar subordinado à realização pessoal, permanecendo entretanto como um elemento e um *locus* essencial, embora não exclusivo. Nesse sentido, não se trata tanto de uma rejeição do trabalho, mas sim da reivindicação de um trabalho que tenha sentido para o próprio indivíduo e/ou que lhe deixe tempo para uma vida própria.

Em outras palavras, o trabalho continua sendo importante, mas diferentemente. Enquanto antes ele era importante em si, pela participação que assegurava ao projeto coletivo da sociedade industrial, agora ele se torna importante para o próprio indivíduo, na medida que pode contribuir para o seu projeto singular. O valor do trabalho tende a não ser mais sacralizado, mas autoreferido, isto é, a ser submetido às aspirações e à crítica do indivíduo. Não é mais o indivíduo que é referido ao trabalho, o trabalho é referido ao indivíduo.

Para mim, é importante ter sucesso no plano profissional, mas mantendo um distanciamento com relação a isso. Não esquecer que o resto também tem importância e que o fundamental é estar bem na própria pele. A melhor profissão é, antes de tudo, aquela de que a gente gosta, (posto que representa uma grande parte da nossa vida) (Jean Pierre).

Essa reivindicação se exprime muito nitidamente na vontade de “*não se deixar consumir pelo trabalho*” e de realizar um trabalho que tenha sentido, no qual o indivíduo possa realizar-se.

A recusa do trabalho-alienação

De maneira defensiva, negativamente, essa aspiração exprime-se por uma rejeição ao trabalho assalariado na fábrica e por uma recusa do trabalho-alienação. Muitos jovens manifestam assim sua rejeição a uma carreira operária normal tal como a que foi vivida por seus pais. Assim, Christian, 22 anos, interrompeu a escola aos dezoito para ir trabalhar.

Eu trabalhava numa usina química. Rompi meu contrato. O ambiente não me agradava. Tinha muito barulho. Era meio que trabalho em cadeia. No começo para guardar o lugar, você tem que trabalhar. E com isso os outros operários aproveitam. Eles vêem que você é o otário... Havia relações entre os operários, mas para mim não dava. Eu não teria conseguido continuar ali. Vê-los todos os dias, não dava. É o tempo todo a mesma coisa, e depois, no final do ano, vamos todos ao restaurante e você tem a impressão de que é o carrossel encantado. Não, eu não quero... Eu prefiro achar alguma coisa melhor, que eu esteja seguro de gostar mais...

Christian encontra-se agora desempregado há seis meses (“*com o desemprego eu posso aproveitar melhor a vida*”), situação que ele sabe que é provisória sem que por isso seus projetos estejam claramente definidos (“*Eu não sei, a gente vê, a gente vê*”). Embora faça rock com um grupo de colegas, não tem ilusões quanto às exigências do mercado musical e não imagina que vai poder viver disso. De qualquer forma, sabe que não voltará à fábrica. E quando lhe perguntam se está interessado numa formação em trabalho com madeira, organizada em sua região no quadro de uma AID (ação integrada de desenvolvimento) destinada aos jovens “excluídos”, sua resposta é inequívoca: “*Não, a poeira, eu não suporto, sou alérgico a isso. Essa coisa de poeira, eu já conheço.*”

Esta experiência de sujeição à máquina e à agressividade nas relações de trabalho, Silvana também já viveu. Para ela, o choque da entrada no “mundo do trabalho” foi tanto mais violento quanto sua

socialização anterior, no universo protegido da família e no quadro convival da escola, não a tinha preparado de maneira alguma para isso: “*Quando você está na escola, você tem a impressão que é mimada... você é protegida.*”

Da fábrica onde Silvana trabalhou três anos, ela guarda uma experiência heterônoma, sem conteúdo próprio, sujeita ao ritmo da máquina, confrontada com a vulgaridade e com as rivalidades de suas colegas mais velhas:

Numa fábrica, é preciso sempre andar rápido. A máquina gira todo o tempo, você não pode parar a máquina... É depressa demais, é rápido demais. Ali, oito horas, você só pode ir (ao banheiro) duas vezes. Cinco minutos... Porque nas fábricas, freqüentemente, a briga é essa: os banheiros. Eu emagreci cinco quilos, porque não conseguia comer em vinte minutos... Então eu não comia nada. Com isso você fica sonolenta e isso é mau porque... você pode meter os dedos na máquina. As antigas se aproveitavam das mais jovens... te deixam o tempo todo no mesmo lugar... fazer o trabalho mais duro e o mais chato, o dia inteiro.

Desempregada há quinze dias (“*eu mereci*”) Silvana não voltará a trabalhar na fábrica para não perder a sua humanidade:

Se eu trabalhar toda a minha vida num lugar assim, vou ficar como elas, vou me tornar ruim.. Não, isso eu não quero. (...) Para mim, o trabalho ideal é o de mãe de família...criar os filhos... cuidar das pessoas...permanecer humana.

A dimensão alienante do trabalho assalariado, o sentimento de monotonia e de vazio que o acompanha não são novos. Toda a literatura sociológica sobre a condição operária, e em particular as pesquisas junto às operárias, ressaltaram abundantemente essa escravização da pessoa à máquina e as micro-estratégias individuais ou coletivas acionadas para escapar a isso (psicossomatização, fuga através do sonho, greve tartaruga...). Não obstante, apesar de seu caráter penoso, o trabalho determinava uma condição operária vivida como uma razão social, com relação à qual não havia outra escolha

senão submeter-se, interiorizando as coerções. É precisamente essa perspectiva que é rejeitada de forma explícita por Christian, Silvana ou Isabelle (que trabalha como secretária): não terminar como eles, rotinizados, escravizados e aviltados pelo ritmo de trabalho e suas relações convencionais.

Para esses jovens, a primeira experiência de trabalho — às vezes depois de muitos anos — longe de conduzir a uma confirmação do modelo de trabalho (como no exemplo de Patrick que “*está recomendo tudo de novo*”) conduz a uma rejeição total ou parcial. Passado o primeiro choque de entrada no mundo do trabalho, eles tentam se acomodar: “*Eu não queria dizer aos meus pais que estava infeliz nessa fábrica*” (Silvana) “*É verdade, eles têm razão, vou fazer como todo mundo*” (Isabelle). Mas acabam desistindo, antes de se perderem como sujeitos:

Faz mais ou menos 6 meses que estou desempregada, no começo eu fiquei, admito, feliz, porque passei cinco anos de minha vida numa fábrica abominável onde o patrão era o patrão e a operária um instrumento de trabalho. Fiquei tão horrorizada com esse cara que me arrependi realmente de ter parado de estudar. Mas o fato de ter trabalhado como um cão me ajudou a pensar. Por isso, quando me registrei no Ofício do desemprego, me senti em férias e foi depois de dois, três meses que comecei a refletir e disse a mim mesma que não queria mais voltar a trabalhar numa fábrica. Eu penso que os desempregados não devem se deixar abater, porque, ainda que se duvide, os desempregados não são necessariamente pessoas que não prestam para nada, ou pessoas à parte. Eles também têm sua vida, mesmo se eles não têm os meios financeiros como os outros. Quanto a mim, é verdade que eu não gasto mais tanto como antes, mas por enquanto estou vivendo muito bem e espero poder achar um trabalho, mas desta vez um trabalho que me agrade (agência de viagem) porque gosto de estar em contato com as pessoas. Só agora me dou conta disso, foi primeiro preciso que eu tivesse uma experiência ruim para adquirir vontade e caráter. Eu não voltarei jamais a uma fábrica (Gabriella, 23 anos, atelier de escrita).

O trabalho desinvestido e o trabalho sonhado...

Tudo se passa como se a experiência de trabalho de numerosos jovens fosse caracterizada por uma distância importante, sentida e expressa, entre suas aspirações e a realidade (conteúdo e ambiente) do seu trabalho. Frequentemente a decepção os espera na entrada do “mundo do trabalho”: “*Na realidade, de início, você imagina muita coisa com relação ao trabalho...*”, “*há um certo desencantamento*”. Numa pesquisa realizada com jovens de camadas populares, Daniel Ruquoy e Jean-Pierre Hiernaux mostraram bem a defasagem entre a importância atribuída *a priori* ao trabalho e a satisfação advinda da experiência concreta com o mesmo. Uma maioria de jovens vão, assim, lamentar a falta de interesse qualitativo de seu trabalho, estimando-se, ao contrário, mais satisfeitos com suas características extrínsecas (ganhos, status...) ⁴.

Bem, eu procuro emprego com contrato indeterminado, um pouco o que me cai nas mãos. Raramente são coisas que eu gosto (Ana).

A consciência e a gestão desse descompasso dá lugar a diferentes estratégias, atitudes e representações, que permitem ao indivíduo existir como sujeito dissociando-se de sua situação, ou mesmo de sua condição profissional. A figura mais clássica dessa gestão da insatisfação é a do trabalho desinvestido. O trabalho é, no máximo, reduzido à sua função instrumental (pelo dinheiro) enquanto toda a dimensão da autorealização é reportada à esfera privada e à sociabilidade escolhida.

Mathieu, que ao fim de um contrato de aprendizagem de 6.000 francos belgas por mês durante dois anos, acabou de ser contratado como reparador de caixas registradoras, precisa bem o alcance de seu investimento no trabalho:

como eu já caí na armadilha, me envolvo um mínimo... Para mim, o trabalho é como um negócio. E vejo família como realização... Eu não sou diretor de empresa, então não vejo como poderia... Se eu fosse chefe de empresa, seria milionário, talvez fosse desse jeito. Não é o meu caso.

Quanto a Ana, recepcionista de uma agência de viagens,

“Isso depende do trabalho. Se eu tivesse um trabalho de que gostasse muito, não me incomodaria de trabalhar dez horas por dia. De bom grado eu trabalharia, mas... Quando é um trabalho de que você não gosta muito, 4 horas bastam... Só para ganhar a vida, é só isso.”

Essa recusa de um trabalho que impõe suas limitações ao conjunto da existência (“*o trabalho que absorve vida inteira*”) é expressa, de maneira mais ou menos aberta e declarada, pela maior parte dos jovens, qualquer que seja seu nível sócio-profissional: “*Não quero uma vida em que você se sacrifica pela empresa*” (Joy). O trabalho no quadro de um emprego não é considerado como o único modo de autorealização. Na medida em que não seja realizador, ele tende a ser minimizado, para justificar uma auto-redefinição, na esfera familiar para alguns, ou a partir de uma atividade pessoal para outros. “*Eu não me definiria pelo trabalho, eu me definiria principalmente pelo que faço paralelamente*” (Isabelle). O trabalho então é apenas um “bico”, o “trabalhinho”, o “contrato”, “temporário”, enquanto o verdadeiro trabalho é a atividade autônoma.

Esta lógica é particularmente presente entre os jovens que seguiram estudos do tipo artístico ou literário e que experimentam sua frágil rentabilidade no mercado de trabalho. É na medida que não encontram um trabalho que corresponda a suas aspirações profundas e no qual eles possam investir, que alguns adotam uma atitude estritamente minimalista e instrumental com relação ao emprego. Inclusive para Mike e Antoine, aparentemente os mais alérgicos ao trabalho, a minimização às vezes desdenhosa da implicação de si no trabalho (“*um trabalho, mas era só para ter direito ao de-*

⁴ Hiernaux, J.P., Ruquoy, D. *Travail Ras-le-bol? Jouis-sance?* Ed. Vie Ouvrière, Bruxelles, 1986.

semprego, faço questão de deixar claro”, “um trabalho tranqüilo, sem chateação...”) aparece como a contrapartida das aspirações não concretizadas de autorealização “*num trabalho que não seja mais um trabalho*”.

Eu quero fazer alguma coisa interessante, estudei fotografia, e gostaria muito de me fixar na fotografia, no teatro, numa coisa artística, ou pelo menos cultural. Eu me sentiria útil à beça e faria uma coisa que gosto (Antoine).

Daí se eu pudesse achar outra coisa, qualquer coisa mais — como dizer —... onde eu me envolvesse mais, por assim dizer... Assistente social, isso é um treco que eu bem que gostaria de fazer (Mike).

No horizonte, subsiste freqüentemente o sonho de um trabalho que propiciasse a auto-realização pela realização de um projeto próprio. Joy — atualmente desempregada e que, desde que parou de estudar com dezessete anos, só trabalhou em secretariado, “*uma pura exploração*” ou “*pequenos serviços ingratos*” — tenta lançar as bases que a aproximariam de seu sonho:

Meu grande sonho e minha grande ambição seria trabalhar um pouco mais na área do espetáculo ou do canto, tudo o que é um pouco público, isso é a minha grande ambição. Mas é evidente que é preciso viver de coisas que não somente sejam sonhos, e daí, por isso, eu gostaria muito de ter uma formação como vitrinista, isso seria minha base...

Ana, que sofre no balcão de uma agência de viagens, gostaria de viajar “*organizar viagens para as pessoas e tudo isso*” ou então fazer fotografia. Isabelle que “*fica lendo atrás de sua máquina de escrever enquanto o chefe não está lá*”, gostaria de escrever ou então “*ir para o Terceiro Mundo*”. E para Didier, amarrado há muitos anos entre uma situação de desemprego e um status indeterminado, o emprego ideal seria trabalhar em postes de eletricidade, um trabalho perigoso e ao ar livre, lá no alto.

A imprecisão e a grandeza do projeto puramente virtual permitem a evasão. O que não impe-

de de ter os pés no chão e uma consciência lúcida das obrigações. A maior parte dos jovens não procura enfeitar, nem assumir com orgulho sua própria situação: ao contrário, eles depreciam seu “trabalho de paus mandados” para dele melhor se distanciarem. (“*É uma questão de lucidez*”).

Tempo de trabalho e tempo de vida

Essa aspiração à autorealização e essa relação dessacralizada com o trabalho se traduzem também em uma outra relação com o tempo, quer se trate do tempo cotidiano ou da divisão das etapas da vida. No modelo tradicional de trabalho, o trabalho é um dado indiscutível que determina o ritmo da existência. A norma é a do emprego em tempo integral e para toda a vida. A estabilidade do emprego é uma dimensão importante e é o modelo progressivo e cumulativo da carreira que constitui a norma (sancionada por uma medalha depois de 25 anos de fidelidade). Trata-se de ter “um bom lugar” que permita efetuar toda uma carreira — os papéis profissionais são papéis para toda a vida, com a possibilidade de “reconversão” sob o império da necessidade, mas o termo mesmo de “reconversão” sugere a amplitude da reorientação que isso significa. Se ainda se encontra entre os jovens esta aspiração a uma segurança na existência, forçoso é constatar que há menos empregos estáveis e que a norma do emprego em tempo integral e para toda a vida tende a aparecer como um contra-modelo. O receio da monotonia supera o desejo de segurança e de retorno financeiro (“*o dinheiro, a gente precisa, mas é para gastar*”). Muitos jovens reivindicam assim o caráter temporário da sua ocupação atual: “*eu vou sair logo*”, “*não vou envelhecer lá dentro*”.

Jovens com maiores recursos inquietam-se às vezes de se verem confinados em um lugar “confortável” (estabilidade, bom salário, mas pouco interesse intrínseco) que não se teria mais coragem de deixar. Os jovens executivos tendem a afirmar seu desprendimento e sua capacidade de ruptura não somente com relação ao emprego, mas também com

relação à carreira. (“*parar*”, “*fazer qualquer outra coisa*”). Mesmo que isso não venha a ser feito.

Eu me vejo muito mal num escritório sempre com o mesmo padrão, sempre com as mesmas ordens o dia todo. É isso que me dá muito medo no trabalho, é de fato a rotina que para mim vai um pouco de encontro à vida, que desgasta, que é constrangedora, que te imobiliza e é enfadonha (Joy).

Quanto ao tempo cotidiano, a motivação pelo salário é aqui secundária com relação ao desejo de ter tempo para a própria vida, de que o tempo todo não seja consagrado à recuperação da “força de trabalho”.

O trabalho, na verdade, toma espaço demais. Quando você pára, termina o trabalho às duas horas, chega em casa são duas e meia, você faz o quê? Você descansa no sofá porque você não agüenta mais. E, às vezes, no começo, nos primeiros meses, eu ficava no sofá e dormia, às vezes até 7, 8 horas. Depois você não tem mais vontade de fazer nada no começo. Você fica meio abatida porque você acha que é horrível, horrível mesmo o que você faz (Silvana).

Você vive só p’ra isso (Christian).

Eu acho que isso toma um tempo enorme, e energia também... Frequentemente, no final da semana eu estou realmente a nocaute....completamente exausta, liquidada (Isabelle).

O trabalho: uma experiência individual

Esta vontade de considerar o trabalho a partir das categorias da experiência manifesta-se, enfim, nas expectativas de comunicação e de convivência nas relações de trabalho. A maioria dos jovens não viveram as condições de constituição de uma identidade coletiva a partir do trabalho. Para a maior parte dos jovens, a individualização das trajetórias profissionais e a precariedade dos diferentes empregos ocupados fazem da experiência do trabalho uma experiência vivida individualmente, sem referência a um coletivo (a um “nós”).

Numerosos jovens falam assim do trabalho manifestando um sentimento de isolamento como se fossem os únicos a conservar uma distância crítica, em meio a colegas rotinizados. O mau ambiente e o caráter hierárquico e competitivo das relações de trabalho são frequentemente evocados como o primeiro fator de desgaste e de rejeição ao trabalho assalariado.

Bom, eu diria que entre os colegas aqui embaixo na agência, não há problemas, entre os quatro, não há problemas, é principalmente no nível da hierarquia enfim porque eles se acreditam talvez um pouco superiores pelo fato de serem secretárias ou contadores, tendem a te rebaixar um pouco (Ana).

Positivamente os jovens são sensíveis à qualidade das relações de trabalho, às quais eles tendem a aplicar as exigências da comunicação, da autenticidade, da reciprocidade das relações pessoais. Essa importação de categorias do afetivo pode ser ambígua, a relação social empregador-empregado diluindo-se, por vezes, atrás da relação interpessoal “*legal*”, “*jóia*” ou da personalidade simpática do empregador.

Quanto às instâncias de mediação e defesa dos interesses coletivos dos trabalhadores, elas são, com frequência, julgadas pouco legítimas e inoperantes para responder às situações particulares dos jovens. O recurso ao sindicato tende, a partir daí, a ser estritamente instrumentalizado ou rejeitado em proveito de um protesto individual que se traduz mais diretamente pela desimplicação e a saída expressiva do que pela reivindicação e a negociação. “*Eu rompi com esse sistema que assegurava vantagens demais para o patrão*”, “*eu acumulo toda a minha raiva, depois me desabafo e vou-me embora...*” (Ana).

O trabalho-paixão

Como antípodas do trabalho alimentar, e sem envolvimento, um número reduzido de jovens chegam a conciliar, isto é, a confundir sua atividade profissional e seu projeto de auto-realização. Trata-se, com frequência, de jovens com grandes recur-

sos sociais, culturais, econômicos, cujo percurso é caracterizado pelo controle de suas escolhas. Esse modelo do trabalho como paixão encontra-se entre os jovens executivos e entre as profissões criativas, que incluem um forte componente tecnológico (informática) e/ou artístico (música, desenho, engenharia de som): “*eu desejo que meu trabalho seja um hobby, de fato*” (Martial).

Na imagem desse jovem executivo que indica em pós-scriptum de seu curriculum vitae: “*Uma paixão: O trabalho é uma paixão se é envolvente*”. Os critérios de medida, de equilíbrio entre a prestação e a retribuição, de estabilidade, de separação entre tempo de trabalho e tempo de lazer apagam-se aqui em proveito total de um modelo hiper-profissional, sem concessão ao diletantismo.

Melhor do que outros, Sophie resume as características desse modelo. Deixemos, de início, que ela defina suas funções numa agência de comunicação para cuja fundação ela contribuiu:

Eu tenho uma função de coordenação que me permite, ao mesmo tempo, bancar a jornalista quando tenho vontade, e escrever; que permite bancar a mulher de marketing quando tenho vontade e organizar as campanhas de promoção; que me permite ter o luxo universitário de pensar e elaborar projetos, mesmo que eles não se concretizem nunca; ter um papel de diretor de projetos e obter subsídios junto à CEE para um caderno complementar; que é um papel de RP quando nos convidam nas conferências da imprensa, para uma viagem para jornalistas.

O critério fundamental do êxito é a satisfação que se experimenta. É um critério que deve se aplicar permanentemente.

Eu tenho necessidade de um trabalho no qual possa me envolver, com o qual eu me divirta todos os dias. Porque no dia em que levanto dizendo: ‘merda, não tenho vontade de ir trabalhar’, então devo refletir e ver como reconstruir alguma coisa.

O grau de satisfação é ele próprio ligado ao fato de poder envolver-se totalmente, fazer alguma coisa de que se gosta.

E eu me dei conta de que o que me interessava era justamente... justamente esse aspecto total: gestão de uma equipe e criação de um produto. E ter todos os elementos nas mãos.

Além disso, importa ser confrontado, incessantemente, com novos desafios, colocar-se em questão, evoluir, fazer o tempo todo coisas excitantes e apaixonantes escapar à rotina.

Penso que meu trabalho não evolui mais na medida que sou obrigada a refazer a mesma coisa que já foi feita... depois de dois anos, trata-se de ver outras pessoas.

As gratificações material, de status e simbólica não são o mais importante: elas não são buscadas enquanto tais, e sim consideradas como a contrapartida normal do investimento.

E que para mim é importante ter o reconhecimento dos outros, isso é claro. Meu salário, minha função, eu os mereço.

Assiste-se assim a um reinvestimento e a uma relegitimação, às vezes ambígua, das normas tradicionais da ética do esforço, em nome de uma busca do sujeito e de uma vontade de auto-realização. A retribuição do esforço não é postergada, mas imediata pela auto-realização para a qual ela contribui.

Isso não me incomoda, estar sob stress dez horas por dia, se os projetos me interessam.

A intensidade do investimento liga-se também à vontade de vencer no jogo da competição plenamente assumida. O registro de Sophie é o da administração de empresas, com termos como “investimento”, “competição”, “performance”, “ser hiper-rentável”, ela “recruta” seus “colaboradores” em função do seu “potencial”, de sua propensão a integrar-se numa equipe” e como há um *turn-over* importante (o tempo de se fazer um nome no mundo da publicidade), é preciso que sejam “pessoas que aprendam rápido”. “*Todo mundo na casa sabe que está permanentemente sobre um assento ejetável*”, inclusive ela mesma. Sophie integra totalmente a lei

da empresa, da concorrência, da performance. A norma é “*estar sob stress dez horas por dia*” e aqueles que não sabem acompanhar não há lugar para eles.

Não se cria uma estrutura para agradar às pessoas com quem se trabalha. Sobretudo, quando se está em condições econômicas tão difíceis, só se paga pessoas que sejam hiper-rentáveis:

Chega um momento em que se tem que tomar a devida atitude com uma série de colegas e isso é realmente duro. É... a grande limpeza. Da equipe do início, sobram apenas três. Todos os outros caíram, caíram antes. A partir do momento em que viram que não tinham a responsabilidade que deles se esperava, procuraram outro rumo (...) E... desapareceram. E é verdade que eu estou consciente de que estou sentada em um assento ejetável.

Uma segunda figura do modelo de trabalho-paixão encontra-se nas conversas dos jovens artistas. Para Bill, o desenhista, para Pascal, o fotógrafo, ou para Yves, o engenheiro de som, o trabalho é, antes de tudo, apreendido como lugar de realização e de expressão de uma essência pessoal — “qualquer coisa que está neles”, “em sua natureza”. Isso é uma vocação: eles não são chamados de fora, mas de dentro. Não é mais um papel socialmente reconhecido como útil: eles não pretendem seguir caminhos batidos e balizados por outros. Mesmo quando eles vinculam seu projeto a um papel, não é sua concretização enquanto tal o que eles buscam, mas a sua auto-realização através dele. E pretendem também ser os únicos juízes de seu êxito ou fracasso. O trabalho encontra seu sentido a serviço desse projeto, que é vivido como singular, único, pessoal. E eles consagram todo o seu tempo a ele, confundindo trabalho e lazer e envolvendo-se muito intensamente.

Aos 22 anos, ao terminar seus estudos de engenheiro de som no IAD, Yves já tinha muitas realizações profissionais a seu favor: jingles para a televisão, músicas de filmes publicitários, arranjos em estúdios... É preciso dizer que desde a idade de 15 anos, encorajado por um ambiente familiar em que “*todo mundo se interessava pela música*” foi “*ten-*

tado a inserir-se nesse meio, trabalhando muito, não se incomodando de se deixar explorar um pouquinho desde que isso lhe permitisse encontrar pessoas interessantes.” Sua família teria preferido que fizesse estudos mais clássicos, como engenheiro, mas “*para terminar isso deu certo, sem problema*”. Encontra-se aqui uma forte vontade estratégica em proveito de um projeto-paixão clara e precocemente definido: “*era realmente aquilo que me interessava, eu gostaria de ir fundo*”, “*me comprometi bem antes de largar os estudos*”, “*eu tinha começado bem afiado o trabalho lá dentro*”.

Para os jovens que rejeitam resolutamente a perspectiva de um trabalho alimentar, há a combinação, em proporções variáveis, de um projeto de auto-realização e de um modelo competitivo. A sociedade é apreendida como um mercado que oferece recursos a serem mobilizados e que impõe obstáculos a serem ultrapassados. Esta atitude estratégica a serviço de um projeto de auto-realização supõe uma forte confiança em si mesmo, apoiando-se sobre uma facilidade natural de classe ou sobre a convicção de um “fogo sagrado” interior.

Os jovens independentes

Esta figura do “trabalho-paixão” deve distinguir-se das orientações para o trabalho dos jovens independentes. Se esses não cedem nada aos primeiros quanto à intensidade e ao volume horário de seu investimento pessoal, a finalidade visada e a significação atribuída ao trabalho são outras. Assim, Eric, que ao fim de uma aprendizagem em marcenaria de luxo lançou-se na restauração de móveis antigos, ou Stéphanie, que acabou de abrir um *snack*, estão mais próximos da ética protestante de trabalho do que de um projeto “pour le fun”.

O êxito de sua empresa confunde-se com o seu êxito pessoal do qual eles são a encarnação e a expressão. A importância do envolvimento é vivida como forma de sacrifício, mais do que como forma de prazer ou de alegria.

Digo que é preciso um mínimo de sacrifícios durante alguns anos e depois... No momento, é impos-

sível economizar porque o que se pega é realmente o que sobra no fim do mês. Isto é realmente o mínimo para viver. Apesar de tudo é preciso não ceder, ser forte, poderoso... e não se desesperar (Eric).

Nesse sentido, trata-se mesmo de um prazer postergado: “*temos a riqueza de nossas obrigações*” Vence-se graças ao trabalho, partindo do nada (“*eu tinha 600 francos na minha conta*”), com a força de vontade, superando todas as limitações, sendo feliz com o que se realiza.

O desemprego

As representações e as vivências do desemprego são o oposto do trabalho. A insatisfação expressa com relação ao emprego e ao trabalho não implica de modo algum uma valorização positiva da situação de desemprego. Longe disso, impressiona ao contrário, a intensidade negativa da experiência de desemprego entre os jovens. Na melhor das hipóteses, ele é considerado como um período de moratória, que permite tomar fôlego ou autoriza uma redefinição de projetos. Se as expectativas e as aspirações com relação ao trabalho são, com frequência, frustradas, o desemprego é quase sempre vivido negativamente e isso, inclusive para os jovens que se definem mais diretamente por um projeto de auto-realização.

Num artigo, já antigo, sobre a vivência do desemprego, Dominique Schnapper⁵ distingue três tipos de experiências de desemprego. O *desemprego total* caracterizado pela humilhação, o tédio e a dessocialização, designa a experiência do desemprego vivida como um tempo vazio, desfeito, sem atividade de substituição e com o sentimento de sua própria inutilidade. O *desemprego invertido* indica uma vivência do desemprego totalmente desdramatizada, isto é, valorizada pelo tempo libe-

rado para atividades pessoais que desemprego permite. O período do desemprego é considerado como transitório e apreendido sob o ângulo dos recursos (tempo-dinheiro) assim colocados à disposição pela busca de um projeto pessoal. O *desemprego postergado* é o desemprego vivido na forma de “como se”. A situação de desemprego não é verdadeiramente apreendida como tal, porém mais como um período ativo de busca de emprego e de formação profissional.

As diferentes lógicas assim distinguidas podem nos ajudar a dar conta das experiências vividas pelos jovens de nossa amostra desde que sejam entendidas como simultâneas.

O desemprego: o tédio e a desvalorização

Apesar da banalização objetiva do fato — mais de 25% dos menores de vinte e cinco anos estão desempregados: e se levarmos em conta o fluxo contínuo dos que entram e dos que saem, isso faz do desemprego uma experiência comum — a situação de desemprego, quando se prolonga, além de alguns meses, é certamente uma experiência muito negativa, isto é, traumatizante para a maior parte dos jovens que encontramos. Para eles, o emprego continua sendo o lugar privilegiado da participação social, e um elemento essencial de sua identidade. Não ter emprego é ser excluído. A preocupação financeira, que não é geralmente citada nas motivações principais do emprego, torna-se aqui a primeira. Um emprego satisfatório, que assegure um ganho e se possível que permita “fazer um trabalho que se gosta”, num bom ambiente é sentido pela maior parte dos jovens desempregados como a condição necessária da participação social.

A maioria vive o desemprego sob a forma de culpabilidade ou da vergonha: “*é duro com relação aos outros da família que trabalham, e eu estou desempregado e não faço nada dos meus dias*”. (Dominique). Difícil nessa situação é, principalmente o sentimento de desvalorização social que daí provém. Os jovens desempregados não se reconhecem na imagem que a sociedade cria deles. O status do de-

⁵ Schnapper, D. “Crise Economique, chômage, anomie” in *La crise dans tous ses états*: ouvrage collectif, CIACO, Louvain-La-Neuve, 1984.

sempregado está, freqüentemente, “engasgado”, afetando sempre a identidade social e às vezes a identidade pessoal. É o caso de Dominique:

O desemprego, foi um horror, o inferno da minha vida, eu penso (risos). Psicologicamente, para mim, foi muito difícil aceitar estar desempregado, aceitar esse status, foi terrível. Não era nada do que eu tinha vontade de fazer, eu nem sonhava com uma coisa semelhante. Para me colocar, foram precisos meses e meses e somente agora começo a...

Acho que eu valho mais que isso, tenho realmente uma imagem negativa do desemprego e acho que isso não vai comigo mesmo.

Para mim, uma pessoa que ganha 50.000 francos vale 50.000 francos e uma pessoa que ganha 10.000 francos vale 10.000... Meu problema é que me sinto diminuído.

Dizem que os desempregados não servem para nada, mas são pessoas como as outras.

Ter o rótulo de desempregada, de mulher que não faz nada, que não tem vontade de fazer, que não sabe fazer mais nada, isso me deixa doente.

Outras características do desemprego total estão presentes nas conversas dos jovens desempregados. Passado o primeiro mês, o tédio e o sentimento de desestruturação do tempo são freqüentemente evocados para caracterizar a experiência do desemprego.

Quando estou sem trabalho, a tendência é me deprimir. Fico com raiva, vou perturbar minha mãe e meu pai... vou estar atrapalhando alguém. Ou então destruo minha saúde. E é o caso, no momento. Depois de um tempinho, minha saúde não vai tão bem (Luc).

O tempo me parece longo, os dias não passam, o tédio ocupa a maior parte dos dias. Não chego a me interessar pelo que quer que seja, tanto a leitura quanto a limpeza da casa. Não tenho mais conversa com meu pessoal que já está restrito. Às vezes tenho a impressão de não ter nada para comunicar, mesmo com meu companheiro. Eu me deixo viver sem reagir, de verdade, às vezes eu me repreendo, me esforço para não me afundar e depois é o tédio de novo. Meus deslocamentos diários se limitam ao ofício do desemprego.

go. Às vezes tenho a impressão de que todas as pessoas que encontro sabem que estou nesse lugar horrível. Tenho um pouco de vergonha” (Solange).

Também me refugio no sono, quanto mais eu durmo, menos eu penso. Entretanto sei que é covardia, o aborrecimento vem, com freqüência, me visitar e tenho dificuldade em vencê-lo (Texto de Florence, 22 anos, esteticista).

Inclusive para os jovens que escolheram voluntariamente a situação de desemprego ou que o aproveitam para realizar um projeto pessoal, o tempo no desemprego é uma variável fugaz cujo controle requer uma auto-disciplina forte:

“É por isso, eu tenho um pouco de medo de ficar desempregado, porque não sei se teria a disciplina para fazer tudo que tenho vontade”. O desemprego é sempre visto como uma armadilha, com o risco para a pessoa de se instalar aí confortavelmente e o próprio Bill, que está tenso com relação ao seu futuro profissional fica apreensivo com o prolongamento de sua situação.

O desemprego também é horrível porque a gente se sente muito isolado. Mas também isso tranqüiliza, porque a gente tem alguma coisa no fim do mês. Me vejo acabar mal, desempregado: de qualquer forma isso acaba sendo insuportável. E de toda forma não há... nada de interessante nisso (Bill).

O sentimento de desvalorização social, a vivência de desestruturação do tempo, o mal estar ligado ao caráter provisório da situação são, além da diversidade de situações, os traços comuns e generalizados da experiência do desemprego.

O desemprego moratório e o projeto de auto-realização⁶

Ao lado dos jovens que vivem o desemprego como uma verdadeira doença, um certo número dentre eles vão manifestar com relação a ele um ponto

⁵ Le Movel, Jacques. *Le chômage des jeunes: des vécus très différents*.

de vista mais desenvolvido e banalizado em relação a ele (sem, no entanto, transformá-lo numa experiência positiva). Trata-se geralmente de jovens com maiores recursos escolares e culturais, isto é, que se beneficiam de ajuda econômica familiar, para quem o desemprego é, antes de tudo, compreendido como forma de redefinição de projetos pessoais. Os auxílios de desemprego permitem destinar um momento para tomar fôlego ou para buscar uma atividade considerada como um verdadeiro trabalho, isto é, como uma vocação pessoal (escrever, fazer fotografia...), não reconhecida pela sociedade mercantil...

Agora eu me dou uma chance no desemprego (Bill).

O desemprego vai bem alguns meses, quando você tem necessidade de se situar, de fazer outra coisa que não trabalhar. Há momentos em que a gente tem necessidade de uma vida mais calma para se encontrar um pouco (Isabelle).

Como os jovens que vivem um desemprego-doença, esses jovens que se definem frequentemente a partir de uma sensibilidade artística, exprimem um ideal profissional que assegura tal projeto de auto-realização, mas diferentemente dos primeiros, manifestam geralmente uma capacidade de concretizar seu projeto, instrumentalizando suas relações com diversas instituições sociais (ONEM, sindicato, academia...) e ao preço de uma auto-disciplina incessantemente ameaçada de relaxamento.

Entre a vivência do desemprego-doença e aquela do desemprego-projeto pessoal, alguns jovens querem essencialmente experimentar o desemprego como um período de expectativa, um prolongamento da moratória da adolescência, com saída indeterminada (“a gente vê”), cuja duração está ligada à coerção financeira.

Vou me dar um ano tranqüilo no desemprego (Antoine).

Tanto melhor, aquele que não tem vontade de trabalhar, que pode ter dinheiro assim, apesar de tudo. Se o sistema é feito assim, tanto melhor (Julie).

Não é uma situação sustentável a longo prazo,

nem do ponto de vista financeiro, na medida em que a situação é um pouco delicada... eu levo uma vida da qual aproveito cada instante... estou meio na expectativa de uma boa idéia (Joy).

O desemprego postergado

O “desemprego postergado” é aquele que encontramos principalmente entre os jovens executivos de nossa amostra, de modo geral aqueles que dispõem de diploma negociável no mercado de trabalho.

Jacques, 23 anos, casado há cinco meses, terminou uma graduação em informática como analista programador. Perseguindo um objetivo de estabilidade, no respeito às normas tradicionais, ele considera o trabalho como um elemento estruturante de sua existência: “*um lugar que seja estável e que me traga ao menos alguma coisa*”; “*a informática é apesar de tudo, uma paixão*”.

Desempregado há seis meses, ele tende a viver esta experiência sob a forma da negação. Trata de fazer como se não houvesse nada, fazendo do tempo do desemprego um tempo ativo. (“*não incomodar em casa*”, “*ocupar ativamente seus dias*”, “*manter-se construtivo*”: buscar emprego sistematicamente, fazer cursos complementares, consertar coisas em casa). O tempo de desemprego é vivido como o do exercício de um ofício em tempo integral, o daquele que procura. Essa atividade torna-se objeto de uma verdadeira cultura profissional, necessitando da aquisição de competências *ad-hoc*.

Dizem que eu deveria aprender por mim mesmo a ver as cartas que dão resultado e as cartas de candidatura que não dão resultado (...). Observei que alguns empregadores respondiam, outros não respondiam nunca; então passei a ficar atento aos termos da minha carta, a fim de redigi-la com a clareza em relação aos problemas que ela poderia ter.

O critério de validade da atitude é aqui a adequação à forma esperada pelos empregadores, à qual é preciso conformar-se: escrever um bom currículo, apresentar-se bem, dar boas respostas na entrevista.

Agora, encontrei um livrinho que se chama: como achar um emprego e ser contratado? O subtítulo é: você sabe se vender? Explicam como se apresentar bem e propõe respostas para questões que funcionam como armadilhas.

Jacques dirigiu-se igualmente ao CRAE - Clube de Busca Ativa de Emprego, uma divisão do Fórum de Arlon — que organiza sessões intensivas de busca de emprego, via um “*método ativo, eficaz e dinâmico, oito horas por dia durante três semanas*”. O CRAE já fez muito sucesso na França e em outros lugares: Canadá, Suécia, Áustria. Essa organização reivindica 80% de colocações bem sucedidas, ao preço, é verdade, de uma seleção prévia de candidatos... e com grande pesar para Jacques que não foi selecionado!

É curioso esse fetichismo do curriculum ou da entrevista para contratação, tanto para Jacques, quanto para outros executivos desempregados que nós encontramos. O essencial é negar ao máximo a situação de desemprego na ótica do “como se” e desenvolver uma atitude positiva e internalizante, que lhe permite viver como ator o seu próprio desemprego. Esse modo de gestão da situação de desemprego só é sustentável a médio prazo. Com o prolongamento da situação, esse sistema de defesa progressivamente, se esboroa.

Digamos que eu me fixe como objetivo que espero trabalhar daqui... digamos, o mais cedo possível... No entanto, no fim não trabalhar torna a gente embrutecido. Se eu tiver que continuar... a não fazer nada, ainda durante um ano ou dois, acho que vou ficar como um verdadeiro leão na jaula (Jacques).

Sobre a mesa de carvalho do apartamento, acaba de ser instalado um computador e os arquivos: cartas expedidas, respostas...

Uma experiência multidimensional

É preciso insistir na simultaneidade das diferentes lógicas presentes na experiência concreta do desemprego. Não há de um lado, desempregados

felizes que resplandecem e de outro, desempregados doentes que se deprimem. Trata-se de uma experiência multidimensional e que evolui ao longo do tempo.

Cecília é “*um pouco à parte*”. Ao cursar a universidade conforme as expectativas da sua mãe, ela cumpriu seu contrato até o fim. Optou por estudar filosofia (“*a rever, eu deveria estudado marketing*”) ela está frustrada de não rentabilizar o diploma e queria trabalhar. Mas, por outro lado, constata que a agrada estar desempregada, ela se realiza: ela própria faz o pão, retomou o curso de guitarra que havia abandonado por causa dos estudos, (“*uma bobagem*”), restaura móveis velhos e ocupa-se de seu companheiro que lhe diz que ela deve aproveitar enquanto pode e que a situação financeira deles não é crítica.

Na prática, se você olhar bem, sou um pouco diferente. De um lado, é verdade que faço uma porção de coisas, aprendo muitas coisas que me agradam. Aprendo a bordar, faço montanhas de coisas. Queria aprender a fazer pão. Mas por outro lado, estou angustiada e descontente com os empregadores que nem sempre são muito honestos e o mercado de trabalho que é uma verdadeira porcaria.

Bom, depois... não sei... quando tiver que fazer minhas oito horas de trabalho, se ainda vou me divertir amassando o pão.

O que concluir? A diversidade das experiências dos jovens no trabalho e no desemprego revelam a fragmentação das diferentes dimensões do modelo tradicional do trabalho. Enquanto no passado articulavam-se trabalho e emprego, participação social e realização pessoal, dimensão instrumental e dimensão expressiva, as entrevistas dos jovens ilustram a dissociação dessas diferentes dimensões. O trabalho não corresponde mais necessariamente ao emprego: para um certo número de jovens, o trabalho é sentido como um obstáculo à realização pessoal, quando antes constituía a condição; o superinvestimento de alguns no trabalho coincide com a desimplicação de outros, o elo entre a contribuição e a retribuição se atenua numa atitude garan-

tista, quer dizer se investe em nome da auto-realização pessoal.

Esta modificação de orientações com relação ao trabalho pode estar ligada à experiência da instabilidade. Para os jovens de meio popular, o mundo do trabalho organizado a partir do processo de produção cede lugar a múltiplos serviços, empregos cujos próprios titulares não sabem se devem qualificar de “trabalho” ou designá-los em termos administrativos: TCT, estágio, substituição...

Esta ruptura da normalidade esperada das trajetórias profissionais é vivida sob a forma de crise por um certo número de jovens. As preocupações com o emprego, a sobrevivência econômica, o acesso a um salário, trazem sobretudo outra consideração, particularmente, no que se refere a afirmação de uma cultura do trabalho e do ofício que se tornaram bastante inviáveis.

Através das formas degradadas do antigo modelo e as atitudes de distanciamento com relação aos conteúdos e ao ambiente tradicional do trabalho assalariado manifestam-se, também ora sob a forma de recusa (“*eu não voltarei jamais à fábrica*”) ora sob a da alternativa, uma série de atitudes novas com relação ao trabalho.

Pode-se resumi-las, falando de uma orientação de fundo com relação ao trabalho que tende a ser apreendido a partir das exigências de auto-realização. Estas já não se definem pelo fato do indivíduo conformar-se às exigências de um trabalho até dele adquirir *ethos* e a cultura, e sim está no trabalho de levar em conta as aspirações individuais. É, especialmente, através de uma modificação da relação com o tempo e com o ambiente de trabalho que se pode apreender essa exigência. O tempo de trabalho, quando não se está envolvido, tende a ser oposto e subordinado ao tempo de vida “para si”. As identidades coletivas e a cultura do ofício dão lugar a uma sensibilidade à comunicação e ao caráter convivial, isto é, interpessoal das relações de trabalho.

Com respeito a essas diferentes dimensões, o mercado de trabalho é freqüentemente o lugar da decepção e do desencantamento, após o espaço pro-

tegido da escolaridade. A maior parte dos jovens experimentam um fosso entre suas aspirações e a realidade concreta do mercado de trabalho. A gestão dessa defasagem dá lugar a diversas estratégias de minimização do envolvimento no trabalho e de reinvestimento na esfera privada, em proveito do trabalho “autônomo”. À exceção dos jovens que dispõem de meios para concretizar um projeto de auto-realização no campo profissional, a maioria não encontra mais num emprego assalariado um modo satisfatório de auto-realização.

Se o emprego continua sendo uma dimensão central da identidade e a base da normalidade social, o trabalho não é mais considerado como o único modo de auto-realização de si, ele tende a entrar em concorrência com outras experiências que lhe impõem seus próprios critérios.

Quanto à experiência do desemprego, apesar de sua banalização objetiva, ela continua muito problemática e negativa a médio prazo. Se se pode opor duas maneiras distintas de viver e de se representar o desemprego, distinguindo o desemprego vivido sob a forma do tédio e da desestruturação de alguns, e o desemprego-moratória ou projeto pessoal de outros, é preciso entretanto sublinhar a simultaneidade dessas lógicas e a permanência do sentimento de desvalorização social que acompanha sempre o “rótulo de desempregado”.

Em suma, a diversidade e a fragmentação das experiências de trabalho e de desemprego dos jovens ocupam os cenários desenvolvidos por André Gorz⁷ quando se inquieta com a cisão crescente entre uma minoria fortemente qualificada, que dispõe de empregos com altos ganhos e nos quais se realiza e uma maioria confinada a tarefas subalternas. O uso do tempo é um bom indicador dessa distância. Entre Robert que afirma que seu tempo é precioso, e que permanece preso ao trabalho até nos engarrafamentos, e Enzo para quem os dias decorrem, longos

⁷ Gorz, André *Métamorphoses du Travail*: quête du sens, Ed. Galilée, Paris, 1988.

como uma jornada sem trabalho, há a distância que separa aqueles que têm recursos para participar do jogo da competição e aqueles que são obrigados a suportar a mutação do mercado de trabalho.

Enfim, é preciso considerar que as diferentes experiências e representações do trabalho e do desemprego aparecem como socialmente diferenciadas. Globalmente os jovens do meio popular continuam mais ligados às normas tradicionais do trabalho e sua vivência do desemprego se aproxima da figura do desemprego total. Os jovens das classes médias tem, com frequência, mais recursos para redefinir seu projeto existencial e marginalizam o lugar do trabalho assalariado em proveito de um projeto de auto-realização.